

# O rádio como veículo de educação popular em saúde

Eymard Mourão Vasconcelos \*

O rádio é um meio de comunicação de massa de grande penetração junto às famílias das regiões rurais e das periferias das cidades. Além disso ele é um meio de comunicação de massa onde o profissional de saúde que atua em um Serviço de Atenção Primária à Saúde pode ter acesso. As rádios, principalmente no interior, costumam ser pequenas empresas que sobrevivem com dificuldades e com grande carência de profissionais qualificados. Não é muito difícil então conseguir um espaço na sua programação. Por ser acessível aos profissionais de saúde e pela sua grande audiência junto às famílias trabalhadoras, o rádio é um meio de comunicação de massa estratégico para a educação popular em saúde.

Os meios de comunicação de massa podem dar uma outra dimensão à educação popular. Para um profissional de saúde acostumado a fazer reuniões com grupos que, poucas vezes, ultrapassam a 40 pessoas, ou que gasta grande parte do seu tempo atuando educativamente de indivíduo a indivíduo nas consultas, a possibilidade de utilização do rádio surpreende e empolga na medida em que permite atingir de uma só vez dezenas de milhares de ouvintes. Mas a força do rádio não está apenas na imensidão do público atingido: ele também transforma as características da educação e saúde e abre novos campos de prática profissional.

O profissional que atua em uma Experiência Alternativa de Medicina Comunitária convive com uma variedade muito rica e situações em que os problemas da saúde e da doença aparecem das maneiras mais diferentes. Mas nem sempre ele tem oportunidade de falar com os pacientes algumas das reflexões, estudos e discussões que faz a partir da vivência destas situações. A ansiedade do paciente e mesmo os limites da consulta individual não facilitam uma discussão mais

\* Professor do Departamento de Promoção de Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

ampla. Durante a consulta o paciente "exige" que o profissional se concentre na difícil tarefa de buscar soluções concretas para seu caso individual. O tempo é curto devido ao grande número de pacientes que esperam do lado de fora do consultório. O rádio é o local onde ele poderá abordar de uma maneira mais ampla e profunda os vários problemas que encontra, falando mais organizadamente das suas causas, da sua importância social e das possíveis formas de enfrentamento. As características do rádio também facilitam o rompimento da maneira individualista de discutir as doenças. Do estúdio da rádio se fala não a pessoas isoladas, mas à grande massa populacional. Até para se conquistar uma boa audiência é preciso buscar analisar os problemas de forma mais coletiva e geral, mesmo que se parta de casos individuais. A prática de saúde no rádio acaba por reorientar o modelo de atuação dos profissionais que nele se engajam.

O rádio torna a equipe de saúde conhecida em toda a região. Isto facilita muito a sua penetração nas famílias e grupos. Passa a receber convites para visitar comunidades com problemas de saúde. Começa a receber cartas expondo problemas que não se tem espaço para levar ao Centro de Saúde, que costuma estar sobrecarregado com as ações mais técnicas. Este maior conhecimento dos profissionais junto à população amplia muito a abertura pessoal como são recebidos em cada casa, em cada roda de conversa. Afinal, o rádio os faz penetrar e "visitar" periodicamente as várias casas da região, tornando-os próximos. Além disso, com a consolidação do programa, ele se tornará um ponto de referência para a população encaminhar suas dúvidas, denúncias e reivindicações. E na medida em que o profissional de saúde passa a ser também um repórter, ele terá um maior acesso às outras instituições públicas e privadas ligadas ao setor saúde local, podendo usufruir de suas informações e da qualificação de seus funcionários em troca da divulgação de suas notícias. Enfim, o rádio abre uma porta muito larga de acesso à realidade social, ajudando a integrar mais profundamente a equipe de saúde na comunidade e ampliando a sua prática.

Dependendo da maneira como o programa de rádio for feito, ele pode tornar-se um veículo de difusão, discussão e aprofundamento do saber popular em saúde, contribuindo assim na sua valorização e conseqüentemente ajudando a fortalecer a força política dos trabalhadores. Para isso, é importante "dar a palavra ao povo" durante o programa através de gravações de entrevistas, leitura de documentos elaborados por organizações populares, criação de uma seção de cartas dos ouvintes, participação ao vivo de lideranças etc. Na medida em que o programa se torna conhecido, é impressionante o número de cartas que passam a ser enviadas!

Com esta metodologia de organização, o programa de rádio será também um rico instrumento de difusão, para a grande massa populacional pouco engajada em movimentos sociais, das reflexões dos grupos populares mais amadurecidos. Ele poderá ser um canal de troca de experiências entre pessoas e grupos sobre o enfrentamento dos problemas de saúde. Será também um momento em que os técni-

cos poderão analisar criticamente este saber popular, aprofundando-o. Divulgará ainda as vitórias e as conquistas obtidas em outros locais, ajudando a mostrar a importância da organização comunitária. A simples participação de lideranças ou grupos populares no rádio já os anima e aumenta o poder de pressão política de suas reivindicações e denúncias.

A elaboração do programa a partir da participação dos ouvintes, com as suas variadas e surpreendentes formas de expressão, o torna alegre e interessante, além de ajudar a evitar que o conteúdo das análises fique descolado das reais condições de vida da população. De dentro do estúdio fechado de uma rádio se corre um grande risco de começar a dar conselhos de saúde pouco aplicáveis no dia-a-dia dos trabalhadores, pois a realidade em que vivem fica distante. A organização de mecanismos de participação dos ouvintes é fundamental como uma maneira de exigir e controlar que o conteúdo do programa responda, o melhor possível, às necessidades de conhecimento em saúde das classes populares.

O rádio pode ainda ser um instrumento de dinamização das atividades técnicas dos serviços de saúde na medida em que debate as suas dificuldades de relacionamento com a população, explica a sua forma de organização e informa sobre os problemas internos que estão ocorrendo. Muitas vezes, iniciativas técnicas do Centro de Saúde não vão adiante por falta de canais de comunicação que as divulgue de modo a conseguir o apoio da população. Além disso a compreensão pelos usuários de suas dinâmicas de funcionamento interno lhes dá condições de julgar suas práticas de cobrar melhorias. O conhecimento de avanços conseguidos em um determinado serviço serve como critério para julgar os outros.

Até aqui tem se entendido que o campo de atuação da Medicina Comunitária são as pequenas comunidades bem delimitadas. Acontece que estas comunidades não vivem isoladas. Os seus problemas são muito semelhantes aos de outras comunidades. A origem de muitos deles não está dentro de si, mas na globalidade da sociedade. Na medida em que a economia capitalista se desenvolveu, concentrando a produção em empresas multinacionais gigantescas, a interdependência entre as várias comunidades cresceu assustadoramente. Não existem mais comunidades isoladas, autônomas. Todas dependem da globalidade da sociedade e contribuem de algum modo particular. O centro de decisão dos mínimos atos de vida cada vez foge mais da comunidade local. Na medida em que a população tende a ser uniformizada através do consumo de massa e da dependência às multinacionais e ao Estado cada vez mais amplo, cresce o espaço de atuação dos meios de comunicação de massa. O rádio, ao romper o limite geográfico da pequena comunidade, pode estar criando novo tipo de trabalho comunitário em saúde. Um trabalho que atua em uma "grande comunidade", em uma grande região. Esta maneira de tratar o problema de saúde tem muito mais chance de mostrar, com clareza, as causas e conseqüências sociais da doença. Tem também mais chance de conseguir articular os vários movimentos populares de saúde, estas

linhas de frente do processo de aperfeiçoamento do saber popular em saúde.

Os meios de comunicação de massa são instrumentos não apenas de educação, mas também de pressão e luta política. A dominação a que a sociedade está submetida passa muito pelo controle da difusão das informações. Através dos contatos na rádio durante a elaboração do programa sobre saúde, se estruturarão amizades e conhecimentos com muitos profissionais de comunicação que serão de grande importância nas próximas situações de enfrentamento político das questões de saúde. Através da convivência se pode aprender um pouco na dinâmica interna destas empresas de comunicação e, aproveitando de suas contradições, conseguir aumentar o espaço de divulgação de denúncias e reivindicações populares, driblando um pouco a dominação do poder econômico a que estão submetidas.

No livro *A medicina e o pobre* (Vasconcelos, 1987), há o relato e análise de uma experiência de utilização do rádio como instrumento de educação popular e de dinamização das ações técnicas de saúde, que teve ampla repercussão na sua região (interior do Estado da Paraíba). Essa experiência mostra como a atuação em um meio de comunicação de massa como o rádio não tem nada de misterioso, nem depende de técnicas sofisticadas. Utilizando a metodologia da educação popular, a equipe de saúde pode organizar um programa com bom nível de audiência, usando um estilo pessoal, descontraído e sem receio de mostrar com simplicidade os seus próprios limites. Mas o rádio, se de um lado oferece esta tão ampla entrada junto à população, também tem suas exigências. No rádio cada minuto é contado e por isto o programa precisa ser denso, cada detalhe sendo preparado com cuidado. Não esquecendo que estamos em uma sociedade dominada pelo poder econômico, sempre pronto a acionar seus inúmeros mecanismos de repressão, é preciso medir bem cada palavra usada, pois elas chegarão aos mais diferentes ouvidos.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. VASCONCELOS, Eymard. Rádio, um canal de interação entre o profissional de saúde e a comunidade. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, Cortez (11): 79-88, 1984.
2. ———. *A medicina e o pobre*. São Paulo, Paulinas, 1987.